

◆1-Política Econômica

A economia brasileira: balanço de 2001 e as perspectivas para 2002

No panorama econômico de 2001, os destaques foram: i) a desaceleração da economia mundial; ii) o racionamento de energia; iii) o aumento das taxas de juros; e iv) a crise argentina. Apesar dos percalços pelos quais passou a economia brasileira sob o impacto destes fatores, os resultados foram melhores do que o esperado.

A inflação acumulada em 2001, medida pelo IPCA, deverá ficar próxima a 7,5%, acima do teto da meta do governo. Este resultado decorreu, principalmente, da pressão do reajuste de tarifas e preços administrados combinada com algum repasse da desvalorização do real para os preços finais.

Quanto às contas públicas, o desempenho favorável, já registrado em 1999 e 2000, prosseguiu em 2001. De janeiro a novembro, o superávit primário acumulado do setor público foi de R\$ 46,6 bilhões, expressivamente acima dos R\$ 40,2 bilhões acertados junto ao FMI. Em porcentagem do PIB e a preços do último mês, o superávit acumulado foi de 4,34%, superior aos 3,35% acordados com o FMI para o ano. Vale destacar que tem ocorrido um significativo esforço fiscal de todas as esferas do governo.

Em relação ao nível de atividade, o PIB deverá fechar o ano de 2001 com um crescimento real de cerca de 2,0% - ver Anexo Estatístico. No ano destacou-se o desempenho favorável dos investimentos refletido no aumento da produção física de bens de capital - principalmente, daqueles voltados para a geração de energia elétrica e a atividade agrícola.

No *front* externo, chamou a atenção a reversão do resultado da balança comercial. O forte crescimento das importações no início de 2001 induziu a projeções de um déficit comercial significativo no fechamento do ano. Entretanto, a partir do segundo trimestre, com a progressiva desaceleração do ritmo de crescimento da economia - resultante, em grande medida, dos fatores citados no início do artigo -, observou-se uma expressiva melhora da balança comercial que se explicou, principalmente, pela forte queda das importações. Como resultado, a balança comercial fechou o ano de 2001 com um superávit acima de US\$ 2 bilhões. Com a melhora do resultado comercial em 2001, o Banco Central projeta um déficit de transações correntes de US\$ 24 bilhões em 2001. O montante de investimentos externos diretos (IED) superou os US\$ 20 bilhões, acima da projeção de US\$ 19 bilhões feita pelo Banco Central.

Em 2002, a evolução do cenário externo continuará a ser determinante para o desempenho da economia brasileira. Por um lado, os últimos indicadores divulgados sugerem, infelizmente, que apenas no segundo semestre de 2002 a economia dos EUA venha a retomar uma trajetória de crescimento. Por outro, vale ressaltar a confirmação do movimento de "descolamento" do Brasil em relação à Argentina - ver seção Mercado Financeiro -, o que sugere que qualquer que seja o desfecho da crise naquele país, este não deverá ter impactos expressivamente nocivos e/ou duradouros sobre a economia brasileira.

No que diz respeito ao ambiente interno, o Banco Central tem deixado claro o seu comprometimento com a meta de 3,5% de inflação para o próximo ano. Já começaram a surgir sinais positivos no sentido de redução da inflação, principalmente, a perspectiva de redução dos preços dos combustíveis, a redução do reajuste das tarifas de energia elétrica no ano que vem em relação ao esperado inicialmente (de 30% para 19%) e a tendência de maior estabilidade da taxa de câmbio - que reduz a possibilidade de repasses da variação cambial para os preços finais da economia. Segundo a Nota do Copom - divulgada pelo Banco Central - estes fatores contribuirão para que a inflação permaneça próxima de 3,5% em 2002 - centro da meta para aquele ano. A medida que as perspectivas positivas quanto à evolução da inflação se confirmem ao longo dos primeiros meses do próximo ano, o mercado trabalha com a possibilidade de retomada da redução gradual das taxas de juros ainda no final do primeiro trimestre de 2002 ou no início do segundo. Esta melhora das expectativas decorreu do maior tom de otimismo da Ata do Copom de dezembro, ante a divulgada em novembro. Mesmo assim, é importante ressaltar que o Banco Central mantém-se cauteloso, tendo em vista as incertezas ainda presentes quanto à evolução do panorama internacional e ao desfecho da crise Argentina.

Em relação às contas públicas, apesar do aumento do salário mínimo e o reajuste da tabela do imposto de renda representarem uma importante fonte de pressão potencial, o governo vem dando sinais claros de que a perda de receitas e/ou aumento de gastos deverão ser viabilizados pela geração de receitas extras e/ou corte de outros despesas. Sendo assim, a meta de superávit primário de 3,5% deverá ser atingida em 2002.

Em relação às contas externas, as projeções indicam um superávit comercial de cerca de US\$ 5,0 bilhões. Estes números levam em consideração um modesto crescimento das exportações combinado a uma redução das importações, como resultado de uma taxa de câmbio real mais depreciada e um crescimento econômico doméstico moderado. O déficit em transações correntes deverá ser de US\$ 20 bilhões em 2002, e o montante de IED, deverá atingir US\$ 16 bilhões.

Quanto ao nível de atividade, a taxa de crescimento em 2002 deverá ser próxima da observada em 2001. Caso a economia internacional tenha uma recuperação mais efetiva, poderá haver a possibilidade de uma taxa de crescimento um pouco mais alta para o PIB brasileiro, de até 3%. A recuperação da demanda internacional poderia ter um impacto positivo tanto nos preços, quanto no *quantum* das exportações brasileiras. Um aumento das exportações, por sua vez, poderia ter um efeito multiplicador na economia, gerando novos investimentos e postos de trabalho. A possibilidade de redução das taxas de juros básicas da economia ao longo de 2002 só viria a contribuir para este movimento.

ÍNDICE

◆2 - Nível de Atividade: O IBGE divulga as Contas Nacionais de 2000.....	2
◆3 - Inflação: A evolução dos preços em dezembro.....	3
◆4 - Finanças Públicas: Apreciação cambial reduz a dívida líquida do setor público.....	4
◆5 - Mercado Financeiro: A crise na Argentina.....	5
◆6 - Setor Externo: Superávit comercial foi de US\$ 2,6 bilhões em 2001.....	6
◆7 - Operações do BNDES e da FINAME.....	7
◆8 - Anexo Estatístico.....	9

◆2 - Nível de Atividade

O IBGE divulga as Contas Nacionais de 2000

A análise do PIB pela ótica da despesa, segundo o IBGE, mostra que o crescimento real de 4,36% da economia brasileira em 2000 foi liderado pelo consumo, com expansão de 3,16%. Os investimentos, medidos pela formação bruta de capital fixo, cresceram 4,48%, em termos reais, de 1999 a 2000. As exportações subiram 11,36%, com destaques para produtos manufaturados, tais como aparelhos transmissores ou receptores e componentes (115,22%), aviões (72,38%) e automóveis de passageiros (55,31%), entre outros. Na análise setorial, o crescimento do PIB foi liderado pela indústria, que cresceu 4,87%, principalmente o setor automobilístico, com expansão de 23,44%, ante 1999. O setor de serviços apresentou um aumento de 3,71%, com destaque para a expansão de 16,50% das atividades de comunicações. Por último, o setor agropecuario teve o crescimento mais modesto, de 3,03%.

A evolução no mês de outubro

O índice de produção física da indústria calculado pelo IBGE mostrou uma queda na taxa dessazonalizada de 1,9% em outubro de 2001, comparado com setembro - Ver Gráfico 2.1. Essa é a oitava queda consecutiva nesse ano, o que comprova o desaquecimento da economia brasileira. Em relação a outubro do ano passado, verificou-se uma retração de 3,4%. No entanto, no acumulado do ano até outubro esse indicador apresentou um aumento de 2,5%, ante o mesmo período do ano passado.

Ao observar esse índice por categorias de uso, verificou-se que três apresentaram reduções em outubro, ante setembro - ver Gráfico 2.2. A exceção foi a de bens de consumo duráveis com um acréscimo dessazonalizado de 6,9%, interrompendo um período de sete quedas consecutivas neste indicador. Nas outras três categorias, a produção física de bens capital mostrou um declínio de 1,0%; a de bens de consumo semi e não duráveis, de 2,5%; e a de bens de consumo intermediários de 2,1%. No confronto com outubro de 2000, o setor de bens de capital confirmou-se como o de maior dinamismo, mostrando um crescimento de 8,5%, com destaque para os equipamentos de energia elétrica (58,6%). Cabe mencionar que em 24 meses seguidos, o setor de bens de capital apresenta sinais positivos neste tipo de comparação. As outras três categorias retraíram-se em relação a outubro de 2000. No acumulado do ano, houve crescimento de todas as categorias, com destaque novamente para o setor de bens de capital com um crescimento de 15,7%, significativamente acima dos 2,5% registrados pela média da indústria.

Segundo a CNI, as vendas reais da indústria declinaram 2,16% na taxa dessazonalizada em outubro, ante setembro. Esse resultado praticamente anula o crescimento do mês anterior. Na comparação com igual mês do ano anterior, esse indicador obteve um crescimento de 10,41%. No acumulado de janeiro a outubro desse ano, o aumento foi de 14,11% ante o mesmo período de 2000. Por último, o nível de utilização da capacidade instalada dessazonalizado foi de 79,5%, ante os 79,4% de setembro.

O INA de Novembro

Segundo a FIESP, o INA apresentou em novembro um declínio dessazonalizado de 0,2% ante outubro. Contra o mesmo mês de 2000, houve uma expansão de 0,6%. No ano até

novembro, o indicador acumula um aumento de 3,3%, ante igual período do ano anterior.

A produção de autoveículos

Conforme a Anfavea, a produção nacional de veículos subiu 5,04% de outubro para novembro. Na comparação com novembro de 2000, ocorreu uma redução na produção de 0,50%. No acumulado do ano até novembro, o número de autoveículos produzidos cresceu 8,06% - ver Gráfico 2.3.

A taxa de desemprego em novembro

A taxa de desemprego aberto do IBGE em novembro foi de 6,4%, ligeiramente abaixo dos 6,6% registrados no mês anterior. No entanto, esse valor é superior ao calculado no mesmo mês do ano anterior, que apresentou 6,2% - ver Gráfico 2.4. Todavia, a taxa média do desemprego até novembro desse ano ficou em 6,3%, inferior aos 7,4% do mesmo período de 2000.

GRÁFICO 2.1
INDICADORES DO NÍVEL DE ATIVIDADE
COM AJUSTE SAZONAL - JAN98=100

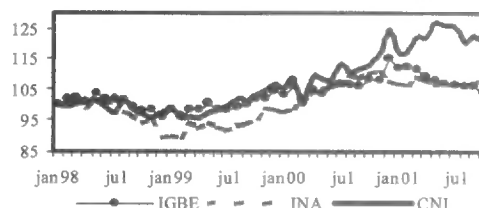


GRÁFICO 2.2
PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL IBGE
COM AJUSTE SAZONAL - JAN98=100

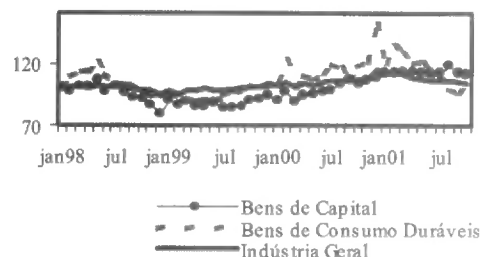


GRÁFICO 2.3
PRODUÇÃO DE AUTOVEÍCULOS - ANFAVEA
(EM MIL UNIDADES)

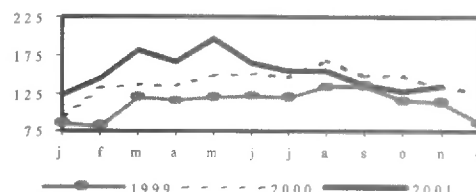
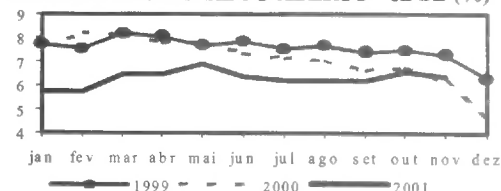


GRÁFICO 2.4
TAXA DE DESEMPREGO ABERTO - IBGE (%)



06 SET 2003

dezembro - nº107

Centro de Pesquisa de Inflação e Custos

◆3 - Inflação

Os índices em novembro

Os índices de preço no mês de novembro começaram a mostrar um viés de declínio.

Em comparação com o outubro, o IGP-DI de novembro apresentou uma variação de 0,76% e o IPC-PIPE, de 0,61%; contra 1,45% e 0,74%, respectivamente, no mês anterior – ver Tabela 3.1. O IPCA apresentou o valor de 0,71% em novembro. A inflação média desses três índices de preço foi de 0,69% em novembro, inferior à média de 1,01% registrada em outubro. No acumulado de doze meses, esse índice mostrou uma média de 8,59%, superior ao mês anterior com 8,08% – ver Gráfico 3.1.

O núcleo de inflação atingiu o valor mensal de 0,77% em novembro, superior ao 0,56% de outubro – ver Tabela 3.2. Mais ainda, o núcleo de inflação apresenta uma taxa de variação acumulada em 12 meses até novembro de 6,88%, acima dos 6,43% registrados no acumulado em 12 meses até outubro – ver Gráfico 3.2.

A evolução dos preços em dezembro

O Índice de Preços ao Consumidor, divulgado pela FIPE, registrou, na segunda quadrissemana de dezembro, uma variação nos preços de 0,26%, frente à variação de 0,61% registrada em todo o mês anterior. Cabe mencionar a tendência de declínio observada nesse índice desde a segunda quadrissemana de novembro desse ano.

O principal item de aumento foi a Saúde, com elevação dos preços de 1,16%. Outros dois itens que pesaram no índice foram Despesas Pessoais e Vestuário. Dois itens mostraram deflação, Alimentação e Transportes, com reduções nos preços de 0,02% e 0,07%,

TABELA 3.1
INFLAÇÃO MENSAL (%)

Mês	Índices de preços			
	IGP-DI	IPCA	FIPE	Média
dez99	1,23	0,60	0,49	0,77
jan00	1,02	0,62	0,57	0,74
fev	0,19	0,13	-0,23	0,03
mar	0,18	0,22	0,23	0,21
abr	0,13	0,42	0,09	0,21
mai	0,67	0,01	0,03	0,24
jun	0,93	0,23	0,18	0,45
jul	2,26	1,61	1,40	1,76
ago	1,82	1,31	1,55	1,56
set	0,69	0,23	0,27	0,40
out	0,37	0,14	0,01	0,17
nov	0,39	0,32	-0,05	0,22
dez	0,76	0,59	0,26	0,54
jan01	0,49	0,57	0,38	0,48
fev	0,34	0,46	0,11	0,30
mar	0,80	0,38	0,51	0,56
abr	1,13	0,58	0,61	0,77
mai	0,44	0,41	0,17	0,34
jun	1,46	0,52	0,85	0,94
jul	1,62	1,33	1,21	1,39
ago	0,90	0,70	1,15	0,92
set	0,38	0,28	0,32	0,33
out	1,45	0,83	0,74	1,01
nov	0,76	0,71	0,61	0,69

GRÁFICO 3.1
INFLAÇÃO
TAXA ACUMULADA EM 12 MESES (%)

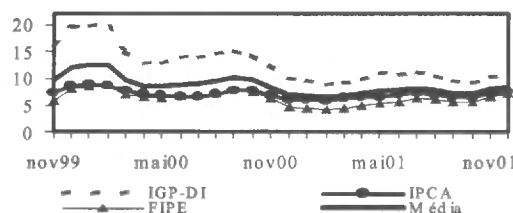


GRÁFICO 3.2
NÚCLEO DE INFLAÇÃO (%)
TAXA ACUMULADA EM 12 MESES

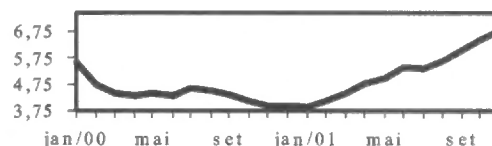


TABELA 3.2
NÚCLEO DE INFLAÇÃO (%)

	IPC/FGV		NÚCLEO	
	Mês	12 meses	Mês	12 meses
jan/00	1,01	9,52	0,45	5,62
fev	0,05	8,04	0,17	4,73
mar	0,51	7,57	0,24	4,42
abr	0,25	7,28	0,26	4,31
mai	0,40	7,63	0,39	4,44
jun	-0,01	6,92	0,16	4,33
jul	1,91	7,67	0,74	4,60
ago	0,86	8,08	0,27	4,49
set	0,04	7,92	0,13	4,39
out	0,02	6,95	0,21	4,12
nov	0,40	6,19	0,35	3,94
dez	0,62	6,21	0,50	3,94
jan/01	0,64	5,82	0,44	3,93
fev	0,40	6,19	0,36	4,12
mar	0,56	6,25	0,53	4,43
abr	0,86	6,89	0,64	4,82
mai	0,41	6,90	0,52	4,96
jun	0,52	7,47	0,56	5,38
jul	1,36	6,89	0,70	5,33
ago	0,54	6,55	0,59	5,67
set	0,12	6,64	0,50	6,06
out	0,71	7,37	0,56	6,43
nov	0,85	7,85	0,77	6,88

respectivamente.

A Fipe projeta para fim de dezembro uma taxa mensal de 0,20% ou abaixo do verificado em mesmo período do ano passado (0,26%). Essa previsão, aliada à taxa de 6,86% no acumulado do ano até novembro, leva a Fipe a projetar para 2001 uma taxa de 7,10%.

O IGP-M

Em dezembro, o IGP-M registrou uma taxa de variação de 0,22%, bem abaixo dos 1,10% em novembro. Essa queda foi influenciada por dois motivos: queda do dólar; e o final da entressafra de bovinos. Com esse resultado, o IGP-M termina o ano com a taxa acumulada em 10,83%.

O IPC-M e o INCC-M registraram a mesma alta de 0,70% nos preços em dezembro. Já, o IPA-M apresentou uma deflação de 0,08% no último mês desse ano.

◆4 - Finanças Públicas

As NFSP em 2001

O déficit público nominal – sem considerar a desvalorização nominal – foi de 2,87% do PIB no acumulado janeiro-novembro de 2001, ante os 3,15% do PIB de igual período de 2000, e os 3,64% do PIB em todo o ano de 2000 – ver Tabela 4.1.

As despesas com os juros nominais sobre a dívida pública atingiram 7,21% do PIB no período, contra os 7,36% do PIB de janeiro-novembro de 2000, e os 7,19% do PIB em 2000.

Em relação ao resultado primário, houve um superávit de 4,34% do PIB no acumulado no ano até novembro, ante um superávit de 4,20% do PIB em janeiro/novembro de 2000, e os 3,55% do PIB em 2000 como um todo. No acumulado em 12 meses até novembro, o superávit primário consolidado do setor público atingiu 3,67% do PIB, superando a meta de 3,35% do PIB para todo o ano de 2001, acertada no novo acordo com o FMI.

A evolução das receitas federais

Segundo a Secretaria da Receita Federal (SRF), a arrecadação apresentou uma queda real de 5,0% em novembro de 2001, ante o mesmo mês de 2000 – ver Tabela 4.2. No acumulado janeiro/novembro, a arrecadação registrou um crescimento real de 1,3%, ante igual período de 2000.

A participação dos títulos públicos indexados ao dólar cai em novembro

A participação dos títulos indexados ao câmbio no total de títulos públicos federais caiu em novembro, passando de 32,9% para 31,1%, o que decorreu, principalmente, da apreciação do real frente ao dólar – ver

TABELA 4.1
NECESSIDADES DE FINANCIAMENTO DO SETOR PÚBLICO (NFSP)(1) - em % do PIB SEM DESVALORIZAÇÃO CAMBIAL

	2000		2001
	jan-nov	ano	jan-nov
Nominal	3,48	3,64	2,87
Governo Central	1,27	1,44	0,56
Governo Federal	1,67	2,03	1,36
Banco Central	0,31	0,25	-0,32
Empresas Estatais Federais	-0,71	-0,84	-0,48
Governos Regionais	2,21	2,20	2,31
Governos Estaduais	1,84	1,82	1,96
Governos Municipais	0,28	0,27	0,13
Empresas Estatais Estaduais	0,07	0,09	0,22
Empresas Estatais Municipais	0,01	0,01	0,01
Juros Nominais	7,54	7,19	7,21
Governo Central	4,43	4,29	3,62
Governo Federal	4,08	4,00	4,02
Banco Central	0,27	0,21	-0,37
Empresas Estatais Federais	0,08	0,08	-0,03
Governos Regionais	3,11	2,91	3,59
Governos Estaduais	2,43	2,26	2,67
Governos Municipais	0,44	0,41	0,39
Empresas Estatais Estaduais	0,23	0,23	0,52
Empresas Estatais Municipais	0,02	0,02	0,02
Primário	-4,07	-3,55	-4,34
Governo Central	-3,16	-2,84	-3,06
Governo Federal	-3,15	-2,88	-3,59
Banco Central	0,04	0,04	0,05
INSS	0,74	0,92	0,93
Empresas Estatais Federais	-0,79	-0,92	-0,46
Governos Regionais	-0,90	-0,71	-1,28
Governos Estaduais	-0,58	-0,43	-0,71
Governos Municipais	-0,16	-0,14	-0,26
Empresas Estatais Estaduais	-0,16	-0,14	-0,30
Empresas Estatais Municipais	0,00	0,00	-0,01

Fonte: Banco Central do Brasil.

Nota: (1) (-) = superávit

Tabela 4.3. Os títulos indexados à taxa over/SELIC continuaram apresentando a maior participação, que foi de 50,3% do total em novembro de 2001. Os títulos pré-fixados, por sua vez, registraram uma participação de 8,2% do total, em novembro de 2001.

Apreciação cambial reduz a dívida líquida do setor público

A dívida líquida do setor público – excluindo base monetária – foi de 49,4% em novembro, abaixo dos 50,9% do PIB registrados em outubro de 2001 – ver Tabela 4.4. Esta redução decorreu, principalmente, da apreciação cambial e foi mais expressiva nas dívidas do Governo Federal, do Banco Central e das empresas estatais federais e estaduais, que possuem maior exposição à taxa de câmbio. Incluindo-se a base monetária, a dívida líquida caiu para 53,1%, ante os 54,4% do PIB de outubro.

TABELA 4.2
ARRECADAÇÃO DAS RECEITAS FEDERAIS a preços de novembro de 2001

Ano	Arrecadação (R\$ milhões)			Variação (%)		
	Out	Nov	Jan/Nov	Nov01/Out01	Nov01/Nov00	Jan/Nov01/Jan/Nov00
2000	17606	17024	184867	-	-	-
2001	18349	16176	187265	-11,8	-5,0	1,3

Fonte: Secretaria da Receita Federal.

TABELA 4.3
TÍTULOS PÚBLICOS FEDERAIS: PARTICIPAÇÃO POR INDEXADOR (%)

Indexadores	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001(nov)
Câmbio	8,3	5,3	9,4	15,4	21,0	24,2	21,7	31,1
SELIC	16,0	37,8	18,6	34,8	69,1	61,1	52,4	50,3
Pre-fixados	40,2	42,7	61,0	40,9	3,5	9,2	15,3	8,2
IGP/IGP-M	12,5	5,3	1,8	0,3	0,4	2,4	5,9	7,0
Outros	23,0	8,9	9,2	8,6	6,0	3,1	4,7	3,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Banco Central.

TABELA 4.4
DÍVIDA LÍQUIDA DO SETOR PÚBLICO - FIM DE PERÍODO (% PIB) (1)

Composição	1996	1997	1998	1999	2000	2001 (nov)
Dívida interna	27,0	26,4	32,5	34,4	35,4	38,2
Governo Central	12,0	13,1	17,2	17,7	19,2	20,1
Gov. estaduais e municipais	11,1	12,4	14,0	15,5	15,3	17,4
Empresas estatais	3,9	0,9	1,3	1,2	0,9	0,7
Dívida externa	3,9	4,3	6,4	10,4	9,7	11,2
Governo Central	1,6	1,9	4,3	8,0	7,5	8,7
Gov. estaduais e municipais	0,4	0,5	0,7	0,9	0,9	1,2
Empresas estatais	1,9	1,9	1,4	1,5	1,3	1,3
Dívida total	30,9	30,7	38,9	44,8	45,1	49,4
Governo Central	13,6	15,0	21,5	25,7	26,7	28,8
Gov. estaduais e municipais	11,5	12,9	14,7	16,4	16,2	18,6
Estados	n.d.	11,1	12,7	14,2	14,1	16,4
Municípios	n.d.	1,8	2,0	2,2	2,1	2,2
Empresas estatais	5,8	2,8	2,7	2,7	2,2	2
Federais	2,5	1,0	0,5	0,3	-0,4	-1
Estaduais	3,2	1,7	2,1	2,2	2,4	2,8
Municipais	0,1	0,1	0,1	0,2	0,2	0,2
Base monetária	2,4	3,6	4,4	4,6	4,2	3,7
Dívida total com base monetária	33,3	34,3	43,3	49,4	49,3	53,1

Fonte: Banco Central

Nota: (1) Exclui base monetária.

◆5 - Mercado Financeiro

A crise na Argentina

O senador Eduardo Duhalde assumiu a presidência da república Argentina após a renúncia de Rodrigues Saá. O senador vai governar por dois anos, até o fim do mandato do ex-presidente Fernando De La Rúa. O novo presidente prometeu divulgar na próxima sexta-feira (04/01/02) qual será a nova equipe econômica, bem como um plano de emergência para a economia Argentina. Tendo em vista as declarações de Eduardo Duhalde quanto ao esgotamento do modelo econômico argentino atual, o mercado especula que as medidas a serem anunciadas nos próximos dias devam incluir a desvalorização da moeda local frente ao dólar.

Descolamento entre Brasil e Argentina continua

Prossegue o clima de incerteza quanto aos desdobramentos da crise argentina. Entretanto, vale ressaltar a continuidade do "descolamento" do *spread* de risco soberano do Brasil em relação ao argentino; movimento iniciado no final do mês de outubro - ver Gráfico 5.1 e Tabela 5.1.

As taxas de juros básicas prosseguem inalteradas

Na última reunião do Copom - realizada ao longo dos dias 18 e 19 de dezembro - o Banco Central decidiu manter a taxa Selic estável em 19,0% ao ano - ver Gráfico 5.2. O cenário internacional ainda incerto e a crise Argentina justificaram a manutenção de uma posição cautelosa por parte do Banco Central.

Apesar do anúncio de redução da produção de petróleo pela OPEP, a cotação do petróleo ao longo de dezembro manteve-se em um patamar significativamente abaixo do registrado no início de 2001, o que decorreu da continuidade de desaceleração do crescimento da economia mundial - ver Gráfico 5.3.

No mercado futuro, as taxas de juros DI, anualizadas, projetadas para janeiro, fevereiro e março de 2002 fecharam, em 28/12, em 19,10%, 19,13% e 19,16%, respectivamente.

O Mercado de Câmbio

No dia 31/12, a cotação da Ptax (venda) foi de R\$ 2,3204, ante os R\$ 2,5287 registrados no final do mês de novembro, o que representou uma queda de 8,24% no mês - ver Gráfico 5.4. Com este resultado, a desvalorização nominal do Real acumulada no ano de 2001 foi de 18,67%. Os contratos de

US\$ futuro com fechamento em primeiro de fevereiro tiveram em 28/12, uma cotação de R\$ 2,3645.

GRÁFICO 5.1
SPREAD DE RISCO SOBERANO
EVOLUÇÃO DIÁRIA

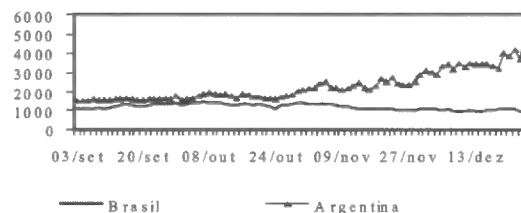


GRÁFICO 5.2
TAXA SELIC (%)

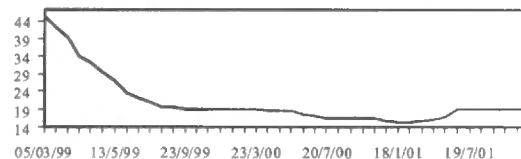


GRÁFICO 5.3
PREÇO DA CESTA DE PETRÓLEO

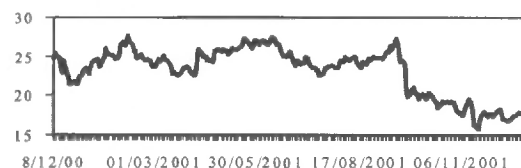
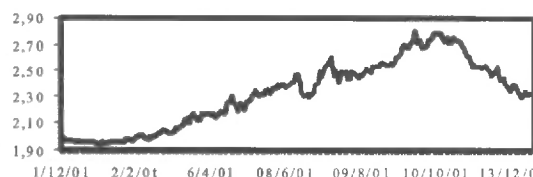


TABELA 5.1
SPREAD DE RISCO SOBERANO

Mês	Médias Mensais: Par-hond	Brasil	Argentina	México
1999	1233	901	769	
2000	895	857	423	
jan/00	802	745	474	
fev/00	880	784	462	
mar/00	818	715	365	
abr/00	937	757	477	
mai/00	991	813	500	
jun/00	898	841	493	
jul/00	874	838	412	
ago/00	853	854	376	
set/00	834	840	335	
out/00	906	957	366	
nov/00	986	1098	391	
dez/00	959	1045	431	
jan/01	875	891	421	
fev/01	848	901	479	
mar/01	895	1075	487	
abr/01	966	1181	464	
mai/01	991	1181	392	
jun/01	979	1129	348	
jul/01	1093	1552	387	
ago/01	1095	1648	403	
set/01	1244	1585	459	
out/01	1333	1801	477	
nov/01	1158	2416	424	
dez/01	1022	3564	351	

GRÁFICO 5.4
Ptax VENDA



◆6 - Setor Externo

Superávit comercial foi de US\$ 2,6 bilhões em 2001

A balança comercial registrou em dezembro um superávit de US\$ 857 milhões, com exportações de US\$ 4,346 bilhões e importações de US\$ 3,489 bilhões.

Com este resultado, a balança comercial acumulou no período janeiro/dezembro de 2001 um superávit de US\$ 2,64 bilhões, contra um déficit de US\$ 697 milhões registrado em igual período de 2000. No acumulado em 12 meses até dezembro, as exportações apresentaram um crescimento de 5,7% e as importações reduziram-se em 0,50% - ver Gráfico 6.1.

Exportações e Importações Desagregadas em Novembro

As exportações apresentaram um crescimento acumulado de 6,8% no período de janeiro a novembro, e as importações, uma expansão de 2,2% no mesmo período - ver Tabelas 6.1 e 6.2.

As exportações de produtos básicos merecem destaque, com um aumento de 21,9% no acumulado até novembro, contra igual período do ano anterior. Quanto aos produtos manufaturados, tem ocorrido uma queda significativa da taxa de crescimento das exportações ao longo do ano, onde no acumulado até novembro foi 2,5%, após ter atingido 20,4% em janeiro. As vendas externas de semimanufaturados, por sua vez, registraram uma redução de 2,3% no acumulado janeiro/novembro desse ano, ante igual período de 2000.

TABELA 6.1
EXPORTAÇÕES POR TIPO DE PRODUTO
EM US\$ MILHÕES FOB

Itens	Jan-Nov		Var. %
	2001	2000	
Básicos	14.316	11.743	21,9
Industrializados	37.881	37.310	1,5
Semimanufaturados	7.565	7.743	-2,3
Manufaturados	30.317	29.567	2,5
Ops. Especiais	1.676	1.374	22,0
Total	53.872	50.427	6,8

Fonte: Secex.

TABELA 6.2
IMPORTAÇÕES POR CATEGORIA DE USO
EM US\$ MILHÕES FOB

Itens	Jan-Nov		Var. %
	2001	2000	
Mat. primas e bens interm.	25.842	26.221	-1,4
Combust. e lubrificantes	5.879	5.849	0,5
Bens de capital	13.718	12.213	12,3
Bens de consumo	6.649	6.660	-0,2
Não-duráveis	3.320	3.593	-7,6
Automóveis	1.336	1.052	27,0
Outros duráveis	1.991	2.019	-1,4
Total	52.091	50.947	2,2

Fonte: Secex.

GRÁFICO 6.1
VARIAÇÃO DO ACUMULADO EM 12 MESES(%)

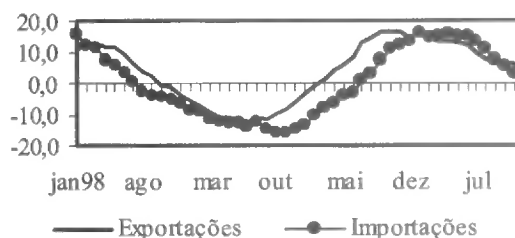
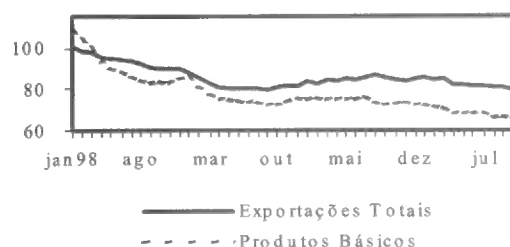


GRÁFICO 6.2
ÍNDICES DE PREÇOS DAS EXPORTAÇÕES
FUNCEX - 1996=100



No que diz respeito às importações, o crescimento de 2,2% acumulado de janeiro a novembro, contra igual período de 2000, decorreu principalmente do crescimento das compras externas de bens de capital, que apresentaram um aumento de 12,3% no período. Vale dizer que, como reflexo do desaquecimento da economia brasileira, nota-se uma significativa desaceleração das compras externas desta categoria de uso: em janeiro de 2001, a taxa tinha sido de 54,4%. O mesmo vem acontecendo com as importações de matérias-primas e produtos intermediários que apresentaram uma queda de 1,4% no acumulado até novembro, ante uma taxa positiva de 27,6% observada em janeiro. Outro destaque é o crescimento da importação de automóveis, cujo aumento no acumulado até novembro foi de 27,0% ante o mesmo período de 2000.

A evolução dos preços das exportações

Os preços das exportações, principalmente dos produtos básicos e semimanufaturados, continuam caindo por causa da desaceleração da economia internacional.

De acordo com a Funcex, os preços das exportações reduziram em 6,7% em novembro de 2001, contra o mesmo mês do ano passado - ver Gráfico 6.2. No acumulado de janeiro/novembro de 2001, os preços das exportações registraram uma queda de 2,9%, ante o mesmo período de 2000. Os destaques dessa diminuição foram os preços dos produtos básicos e semimanufaturados, com redução acumulada de 8,2% e 9,3%, respectivamente, no período janeiro-novembro.

◆7 - Operações do BNDES e FINAME

A evolução das operações

O valor dos desembolsos de recursos do BNDES registrou um crescimento real de 5% no acumulado em 12 meses até novembro de 2001 - ver Gráficos da página seguinte. Os desembolsos da FINAME, por sua vez, registraram uma expansão real de 20%, no período.

O valor das aprovações do BNDES caiu 2% em termos reais no acumulado em 12 meses até novembro de 2001. O valor das aprovações da FINAME, por sua vez, apresentou uma expansão real de 29% no período - ver Gráficos da página seguinte.

O valor das consultas - pedidos de financiamento - do BNDES registrou uma queda real de 18% no acumulado em 12 meses até novembro. No que diz respeito à FINAME, o valor das consultas apresentou uma queda real de 31% no período.

Desembolsos por tipo de operação e empresa do BNDES

Os desembolsos do Sistema BNDES registraram o montante de R\$ 23 bilhões no acumulado no ano até novembro de 2001, ante os R\$ 22 bilhões registrados em igual período de 2000, ambos a preços de novembro de 2001 - ver Tabela 7.1. A FINAME registrou um crescimento de 12% de seus desembolsos. O BNDES apresentou um aumento real de 11% dos desembolsos no período. Este resultado decorreu principalmente do desempenho das operações indiretas, que registraram uma expansão real de 13% de suas liberações. As operações diretas, por sua vez, apresentaram um crescimento real de 9% de seus desembolsos no acumulado janeiro-novembro de 2001, ante igual período de 2000. A BNDESPAR apresentou uma queda real de 56% de seus desembolsos no período.

A distribuição setorial dos desembolsos

A evolução dos desembolsos setoriais acumulados no ano a partir de janeiro de 1999 pode ser observada na Tabela 7.2. No período de janeiro a novembro de 2001, os destaques foram a agropecuária e a indústria de transformação, com crescimento real de 39% e 17%, respectivamente, de seus desembolsos. O setor de infra-estrutura, por sua vez, apresentou uma redução real de 11%. Finalmente, o setor de serviços apresentou uma redução real de 20% de seus desembolsos.

No período janeiro/novembro de 2001, as liberações para a indústria de transformação registraram a maior participação - de 53% - no total desembolsado - ver Tabela 7.3.

TABELA 7.1
DESEMBOLSOS DO SISTEMA BNDES (1)

Em R\$ milhões			
Itens	2001	2000	Var. %
BNDES	13.353	12.012	11
Op. Diretas	5.995	5.492	9
Op. Indiretas	7.357	6.520	13
FINAME	8.572	7.621	12
BNDESPAR	910	2.078	-56
Total	22.835	21.714	5

Fonte: BNDES/GEREG.

Nota: (1) Valores acumulados até novembro de cada ano, a preços de novembro de 2001 - deflator IGP-DI.

TABELA 7.2
CRESC. REAL ACUMULADO ATÉ O MÊS (1)
DESEMBOLSOS

Em %					
Meses	AGROP.	IND. TRANSF. E	INFRA-ESTRUTURA	SERVIÇOS	TOTAL
jan 99	46	-13	-62	25	-19
fev	-25	12	-67	-11	-24
mar	-19	6	-31	3	-9
abr	-13	8	-59	-4	-27
mai	-5	5	-57	-2	-25
jun	-1	11	-57	-15	-25
jul	1	1	-61	-17	-27
ago	6	1	-59	-21	-29
set	-4	-5	-58	-23	-31
out	-6	-2	-55	-22	-28
nov	-14	-5	-47	-17	-25
dez	-14	0	-30	-17	-16
jan 00	-2	-26	72	-5	-8
fev	2	-25	21	32	-11
mar	-14	-9	-29	1	-15
abr	-9	-15	-30	11	-17
mai	0	-15	-48	11	-16
jun	8	-20	-34	14	-19
jul	10	-17	27	-8	-1
ago	14	-17	14	18	-3
set	20	-16	7	18	-4
out	25	0	1	11	3
nov	21	10	20	1	14
dez	30	10	15	9	12
jan/01	66	129	-44	-15	44
fev	53	64	-38	-35	23
mar	61	80	-26	-15	42
abr	56	76	-21	-17	39
mai	43	79	20	-21	41
jun	41	62	17	-23	42
jul	41	50	-30	-12	13
ago	33	55	5	-26	27
set	33	50	8	-22	26
out	31	28	11	-22	17
nov	39	17	-11	-20	5

Fonte: BNDES/GEREG.

Nota: (1) Em relação a igual período do ano anterior - deflator: IGP-DI.

TABELA 7.3
DESEMB. SETORIAIS DO SISTEMA BNDES (1)

Em R\$ milhões				
Setores	2000	2001	Var. %	Part% 2001
TOTAL	21714	22835	5	100,0
AGROPECUÁRIA	1842	2564	39	11,2
IND. DE TRANSFORMAÇÃO	10318	12119	17	53,1
METALURGIA	1985	1767	-11	7,7
MECÂNICA	1857	913	-51	4,0
MATERIAL DE TRANSPORTE	4452	4251	-5	18,6
CELULOSE E PAPEL	311	1056	240	4,6
QUÍMICA, P.F., PERF.S. E VELAS	360	682	89	3,0
PROD. ALIMENTARES E BEBIDAS	1070	2035	90	8,9
OUTRAS	283	1415	399	6,2
INFRA-ESTRUTURA	7230	6454	-11	28,3
SERVIÇOS	1956	1567	-20	6,9
OUTROS	369	131	-64	0,6

Fonte: BNDES/GEREG.

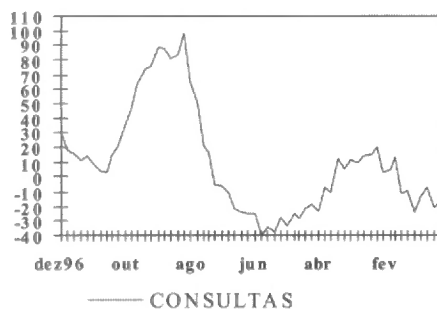
Nota: (1) Valores acumulados até novembro de cada ano, a preços de novembro de 2001 - deflator IGP-DI.

◆Operações do BNDES e FINAME - Variação real (%)

(Acumulado 12 meses até o último mês *vis-à-vis* acumulado 12 meses até o mesmo mês do ano anterior.)

SISTEMA BNDES(1)

GRÁFICO 7.1



Fonte: BNDES/GEREG.

Elaboração : AP/DEPEC/GESTE3.

Notas: (1)) Inclui as operações do BNDES, FINAME e BNDESPAR.
Deflator: IGP-DI.

FINAME

GRÁFICO 7.2



GRÁFICO 7.3

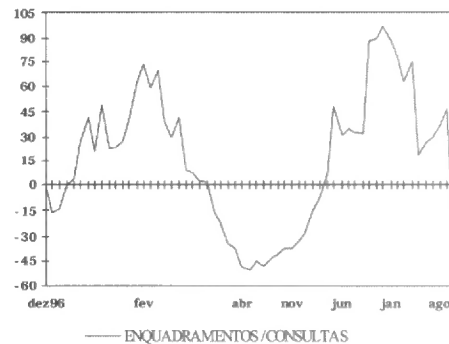


GRÁFICO 7.4

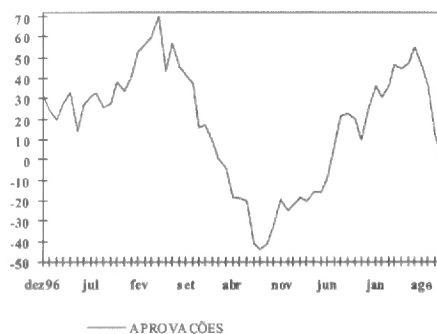


GRÁFICO 7.5

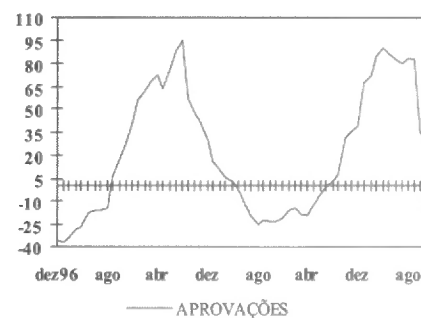


GRÁFICO 7.6

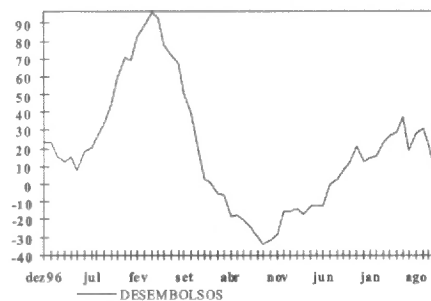
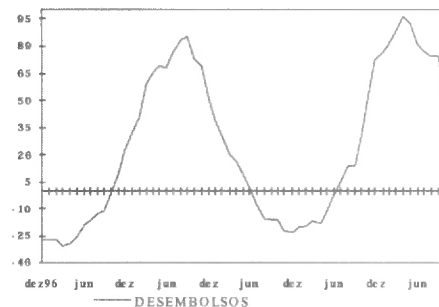


GRÁFICO 7.7



◆8 - Anexo Estatístico

EVOLUÇÃO COMPARATIVA DOS INDICADORES

	IGP-M / FGV			Dólar Comercial (var.%) (1)			UMBNDDES (2)		
	no mês	no ano	12 meses	no mês	no ano	12 meses	no mês	no ano	12 meses
jan/00	1,24	1,24	20,58	0,75	0,75	-9,12	-0,62	-0,62	-9,00
fev	0,35	1,59	16,78	-1,88	-1,14	-14,35	-2,53	-3,13	-15,55
mar	0,15	1,75	13,74	-1,20	-2,33	1,47	-0,28	-3,41	1,36
abr	0,23	1,98	13,20	3,40	0,99	8,79	1,51	-1,95	7,39
mai	0,31	2,30	13,88	1,10	2,10	5,95	1,61	-0,37	5,78
jun	0,85	3,17	14,44	-1,46	0,61	1,72	-0,86	-1,23	2,26
jul	1,57	4,79	14,46	-1,40	-0,80	-0,81	-2,42	-3,62	-2,99
ago	2,39	7,29	15,39	2,74	1,92	-4,83	2,50	-1,21	-7,72
set	1,16	8,54	15,06	1,11	3,05	-4,09	0,75	-0,47	-8,07
out	0,38	8,95	13,57	3,54	6,70	-2,25	2,90	2,41	-6,95
nov	0,29	9,26	11,24	2,65	9,53	1,92	2,75	5,23	-2,21
dez	0,63	9,95	9,95	-0,21	8,48	9,30	-0,01	5,22	5,22
jan/01	0,62	0,62	9,28	0,80	0,80	9,35	0,47	0,47	6,38
fev	0,23	0,85	9,15	3,76	4,59	15,64	3,49	3,98	12,95
mar	0,56	1,42	9,59	5,69	10,54	23,70	3,90	8,03	17,66
abr	1,00	2,43	10,44	1,07	11,72	20,92	1,51	9,66	17,66
mai	0,86	3,31	11,04	8,02	20,68	29,19	8,21	18,67	25,33
jun	0,98	4,32	11,19	-2,33	17,87	28,05	-2,98	15,13	22,64
jul	1,48	5,87	11,09	5,48	24,33	36,99	5,66	21,64	32,79
ago	1,38	7,33	9,99	4,95	30,49	39,93	6,31	29,32	37,74
set	0,31	7,66	9,07	4,69	36,61	44,89	4,57	35,24	42,97
out	1,18	8,93	9,94	1,34	38,44	41,81	0,79	36,30	40,03
nov	1,10	10,13	10,82	-6,59	29,32	29,04	-6,76	27,08	27,07
dez	0,22	10,37	10,37	-8,24	18,66	18,66	-9,23	15,36	15,36

Fonte: BNDES e Gazeta Mercantil.

Notas:

(1) Taxa de final de período.

(2) Variação cambial da cesta de moedas do BNDES (UMBNDDES).

QUADRO DAS PREVISÕES ANUAIS (1)

INSTITUIÇÕES	PIB (1)								IED		NFSP (%PIB)		Exportações		Importações		B Comercial		Saldo em C. Corrente	
	TOTAL		IND(2)		AGR		SERV				Primário		(US\$ bilhões)	(US\$ bilhões)	(US\$ bilhões)	(US\$ bilhões)	(US\$ bilhões)	(US\$ bilhões)	(US\$ bilhões)	(US\$ bilhões)
	2001	2002	2001	2002	2001	2002	2001	2002												
Fator	1,5	2,1	0,0	1,5	4,0	4,0	2,3	2,1	19,5	15,0	-3,7	-3,5	58,3	61,3	56,7	58,0	1,6	3,3	-23,3	-22,5
Garantia	1,6	1,6	-0,4	1,0	5,0	3,8	2,4	1,6	20,2	16,0	-3,5	-3,5	58,0	60,2	55,7	56,2	2,3	4,0	-23,1	-21,5
Macrométrica	2,3	3,1	1,2	3,3	2,8	3,0	2,9	2,9	19,0	16,0	-3,7	-2,7	58,3	57,6	56,6	52,9	1,7	4,6	-23,4	-18,5
MCM Consultores	2,0	-	-	-	-	-	-	-	22,3	15,0	-3,4	-3,5	58,2	59,6	56,1	53,0	2,1	6,6	-23,6	-19,2
Rosenberg	1,3	1,8	0,1	1,4	4,0	4,3	1,8	1,7	19,0	16,0	-3,6	-3,6	58,0	58,5	56,3	55,0	1,7	3,5	-24,5	-20,1
Tendências	2,0	2,5	0,7	2,5	4,1	3,3	2,5	2,3	20,5	18,0	-3,5	-3,5	58,5	59,0	56,1	56,0	2,4	3,0	-23,5	-22,5
MÉDIA	1,8	2,2	0,3	1,9	4,0	3,7	2,4	2,1	20,1	16,0	-3,6	-3,4	58,2	59,4	56,2	55,2	2,0	4,2	-23,6	-20,7
DESVIO PADRÃO	0,33	0,54	0,55	0,83	0,70	0,46	0,36	0,47	1,14	1,00	0,12	0,29	0,18	1,20	0,33	1,80	0,31	1,21	0,44	1,55

Notas:

(1) Variação percentual.

(2) Exclusive Construção Civil e Serviços de Utilidade Pública.

INFLAÇÃO - QUADRO DAS PREVISÕES

INSTITUIÇÕES	IPC-FIPE				IGP-M			
	jan	fev	mar	2002	jan	fev	mar	2002
Fator	0,40	0,30	0,55	-	0,56	0,59	0,67	-
Garantia	0,30	0,10	0,30	4,70	0,50	0,30	0,50	6,20
Macrométrica	-	0,11	0,51	-	0,62	0,23	0,56	-
MCM Consultores	0,40	0,35	0,20	5,00	0,50	-0,20	0,35	6,00
Rosenberg	-0,04	0,19	0,34	5,00	-0,28	0,14	0,20	7,00
Tendências	-0,10	-	-	4,40	-0,50	-0,30	0,50	5,00
Média	0,22	0,21	0,38	4,66	0,23	0,13	0,46	6,05
Desvio Padrão	0,23	0,11	0,15	0,35	0,49	0,33	0,17	0,82

ÍNDICES ECONÔMICOS

mês	Taxa de variação dos preços (%)						Taxa Referencial de juros (%)	Taxa de Câmbio-venda SP R\$/US\$		
	IPCA	IPC (FIP E)	IGP-M (FGV)	IGP-DI (FGV)	IPA-DI (FGV)	IPA Ind (FGV)		Comercial Média	Comercial (1)	Paralelo (1)
jan/00	0,62	0,57	1,24	1,02	1,02	0,98	0,21	1,80	1,80	1,95
fevereiro	0,13	-0,23	0,35	0,19	0,17	0,74	0,23	1,78	1,77	1,88
março	0,22	0,23	0,15	0,18	-0,05	0,60	0,22	1,74	1,75	1,88
abril	0,42	0,09	0,23	0,13	-0,02	0,32	0,13	1,77	1,81	1,87
maio	0,01	0,03	0,31	0,67	0,69	0,72	0,25	1,83	1,83	1,92
junho	0,23	0,18	0,85	0,93	1,45	0,64	0,21	1,81	1,80	1,93
julho	1,61	1,40	1,57	2,26	2,79	2,48	0,12	1,80	1,77	1,93
agosto	1,31	1,55	2,39	1,82	2,56	1,70	0,20	1,81	1,82	1,94
setembro	0,23	0,27	1,16	0,69	1,09	0,67	0,10	1,84	1,84	1,99
outubro	0,14	0,01	0,38	0,37	0,56	0,45	0,13	1,88	1,91	2,02
novembro	0,32	-0,05	0,29	0,39	0,38	0,57	0,12	1,95	1,96	2,07
dezembro	0,59	0,26	0,63	0,76	0,85	1,15	0,10	1,96	1,96	2,18
Acum. Ano	5,97	4,38	9,95	9,80	12,06	11,57	2,07	-	-	-
jan/01	0,57	0,38	0,62	0,49	0,40	0,78	0,14	1,95	1,97	2,14
fevereiro	0,46	0,11	0,23	0,34	0,31	0,31	0,04	2,00	2,05	2,14
março	0,38	0,51	0,56	0,80	1,01	0,27	0,17	2,09	2,16	2,21
abril	0,48	0,61	1,00	1,13	1,39	0,48	0,15	2,19	2,18	2,25
maio	0,41	0,17	0,86	0,44	0,18	0,49	0,18	2,30	2,36	2,55
junho	0,52	0,85	0,98	1,46	1,96	1,59	0,15	2,38	2,30	2,52
julho	1,33	1,21	1,48	1,62	1,93	1,89	0,24	2,47	2,43	2,59
agosto	0,70	1,15	1,38	0,90	1,13	1,05	0,34	2,51	2,55	2,63
setembro	0,28	0,32	0,31	0,38	0,48	0,75	0,16	2,67	2,67	2,79
outubro	0,83	0,74	1,18	1,45	1,88	1,94	0,29	2,74	2,71	2,82
novembro	0,71	0,61	1,10	0,71	0,73	0,65	0,19	2,54	2,53	2,64
dezembro	-	-	0,22	-	-	-	0,20	2,36	2,32	2,60
Acum. Ano	6,87	6,86	10,37	10,15	11,98	10,87	2,27	-	-	-

Fonte: Gazeta Mercantil.

Nota: (1) Cotação de final de período.

REMUNERAÇÃO REAL DOS ATIVOS FINANCEIROS (%) (1)

Mês	Dólar SP	Poupança	Over	Outro Spot	Paralelo	Comercial	CDB
jan/00	-5,28	-0,51	0,22	-2,40	-1,22	-0,48	-0,03
fev	7,38	0,38	1,10	1,03	-3,93	-2,22	0,85
mar	0,75	0,57	1,30	-5,37	-0,15	-1,35	0,87
abr	-13,01	0,40	1,06	5,09	-0,76	3,16	0,82
mai	-4,03	0,44	1,19	0,59	2,36	0,79	0,86
jua	10,90	-0,14	0,53	2,96	-0,33	-2,29	0,20
jul	-3,16	-0,93	-0,26	-3,11	-1,55	-2,93	-0,47
ago	2,96	-1,64	-0,96	-1,32	-1,82	0,34	-1,34
set	-9,23	-0,55	0,07	-1,14	1,40	-0,04	-0,23
out	-7,02	0,25	0,90	-1,24	1,12	3,15	0,58
nov	-10,88	0,33	0,93	2,18	2,18	2,36	0,66
dez	14,12	-0,03	0,56	-0,52	4,65	-0,84	0,34
Acum. no ano	-18,80	-1,45	6,82	-3,63	1,67	-0,59	3,13
jan/01	15,10	0,02	0,64	-2,85	-2,44	0,18	0,38
fev	-10,28	0,31	0,79	2,35	-0,23	3,52	0,74
mar	-9,65	0,11	0,69	0,83	2,69	5,10	0,39
abr	2,29	-0,34	0,19	2,89	0,80	0,07	0,04
mai	-2,64	-0,18	0,47	11,21	12,36	7,10	0,27
jun	-1,58	-0,33	0,29	-1,44	-2,14	-3,28	0,11
jul	-6,91	-0,73	0,01	-1,46	1,28	3,94	-0,28
ago	-7,92	-0,53	0,21	2,63	0,16	3,52	0,00
set	-17,42	0,36	1,02	13,16	5,76	4,37	0,75
out	5,60	-0,38	0,35	-5,55	-0,10	0,16	0,08
nov	12,55	-0,40	0,29	-8,18	-7,40	-7,61	0,01
dez	4,76	0,48	1,17	-2,49	-1,73	-8,44	0,89
Acum. no ano	-19,40	-1,61	6,28	9,47	8,05	7,50	3,43

Fonte: Gazeta Mercantil.

Nota: (1) Deflacionados pelo IGP-M.

CUSTO DO CRÉDITO (1)

Mês	TJLP	LIBOR(2)	Capital de Giro pré-fixado(2)	Res. 63(3)	Desconto de duplicatas(4)	Export notes(3)(7)	ACC(3)	Repasse do BNDES(5)	
								BNDES/FINAME sistemáticos	FINAME Especiais
jan00	12,00	6,17	49,07	11,93	3,84	15,72	10,05	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
fev	-	6,29	46,32	13,02	3,61	14,31	10,30	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mar	-	6,53	46,73	11,56	3,68	9,18	9,82	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
abr	11,00	6,51	43,43	11,66	3,52	8,87	9,61	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mai	-	6,98	43,64	11,77	3,58	9,85	9,60	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jun	-	6,92	34,39	11,78	3,25	10,87	10,44	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jul	10,25	6,87	33,07	9,59	3,10	9,97	10,05	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
ago	-	6,83	35,99	10,04	3,41	9,07	8,99	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
set	-	6,70	30,42	9,32	2,92	9,01	9,23	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
out	9,75	6,67	32,24	12,08	3,12	10,81	9,14	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
nov	-	6,64	30,91	10,09	2,94	9,36	9,36	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
dez	-	6,31	30,73	10,47	2,97	11,74	8,98	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jan01	9,25	5,45	32,90	8,82	3,10	10,26	8,19	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
fev	-	5,15	27,52	8,05	2,65	14,75	7,27	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mar	-	4,75	32,60	8,41	3,11	-	7,20	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
abr	9,25	4,42	31,72	9,09	3,02	15,93	7,04	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
mai	-	3,99	35,82	22,02	3,32	16,46	7,12	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jun	-	3,94	32,06	14,78	3,03	20,43	6,63	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
jul	9,50	3,73	37,81	9,32	3,55	20,11	7,04	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
ago	-	3,50	43,39	6,29	3,85	23,99	7,04	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
set	-	2,99	38,37	6,89	3,15	24,00	6,66	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
out	10,00	2,29	43,58	5,79	3,80	3,42	6,82	1,0 a 2,6	1,0 a 2,5
nov	-	2,05	36,36	7,37	3,29	11,14	6,27	1,0 a 2,5	1,0 a 2,5
dez(6)	-	1,93	36,46	7,34	3,35	6,02	5,97	1,0 a 2,6	1,0 a 2,5

Fonte: Banco Central.

Notas: (1) Capital de giro, Res. 63, Desconto de duplicatas, Export notes e ACC, calculados a partir de dados do SISBACEN. (2) % ao ano. (3) % ao ano mais correção cambial. (4) Taxa antecipada - % ao mês (média mensal). (5) % ao ano + TJLP. A partir de agosto de 1997: % ao ano + TJLP + spread de risco do agente financeiro. (6) Capital de giro, Res.63, export notes, ACC e desconto de duplicatas: valores referentes a 13/12/01. (7) As significativas variações das taxas deste item nos últimos meses resultam de questões metodológicas referentes ao número de instituições pesquisadas. Para mais informações, consultar o SISBACEN.